

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E *PODCAST*: TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM PROL DA LITERATURA INFANTIL E DA FORMAÇÃO DE LEITORES

STORYTELLING AND PODCAST: TRADITION AND MODERNITY IN FAVOR OF CHILDREN'S LITERATURE AND THE TRAINING OF READERS

Andréia Paula da Silva 1

Resumo: Por ser uma das formas mais antigas de interação social, a contação de histórias sempre desempenhou um papel imprescindível na vida da humanidade. Ao passo que, na literatura infantil, reverberam universos significativos, modelos culturais que ajudam na compreensão de si, dos outros e do mundo. Unir a literatura infantil à prática da contação contribui para a formação de um ser. Usar, então, ferramentas tecnológicas para esse fim consiste em um dos meios mais relevantes para vencer o desprestígio dado à literatura e à leitura literária, nos últimos tempos. Assim, o podcast surge como uma possibilidade do encontro da criança com a literatura infantil. Encontro relativamente importante para a formação de leitores literários.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Literatura Infantil. Formação Social. Podcast.

Abstract: As one of the oldest forms of social interaction, the storytelling has always played an essential role in the life of humanity. While, in children's literature, significant universes reverberate, cultural models that help in the understanding of themselves, the others and the world. Joining children's literature to the practice of counting contributes to the formation of a being. Using the technological tools for this purpose, then, is one of the most relevant means to overcome the disrepute given to literature and literary reading in the last times. Thus, the podcast emerges as a possibility of the child's encounter with children's literature. Relatively important meeting for the training of literary readers.

Keywords: Storytelling. Children's literature. Social Formation. Podcast.

Mestra em Letras pela UFPB, especialista em Linguística aplicada ao ensino de Língua Portuguesa pela UPE e graduada em Letras pela mesma universidade. Atualmente integra o quadro de professores substitutos da Faculdade de Ciências e Tecnologia Dirson Marciel de Barros (FADIMAB). É professora efetiva da Prefeitura de Goiana e também da Secretaria de Educação do estado de Pernambuco. Está ligada à UFPB, como professora colaboradora do grupo de pesquisa Estágio, ensino e formação docente: <http://www.ufob.br/geel>, vinculada à linha 2: Ensino de Língua Portuguesa e Literatura e à linha 3: Leitura, Literatura infantil, juvenil e ensino. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0387308012305943>, ORCID: 0000-0003-0646-4079.
E-mail: andreia-paula@hotmail.com

Introdução

Contar histórias é uma das práticas sociais mais antigas da humanidade. Os contadores são tidos como guardiões de um tesouro imaterial relacionado ao processo cognitivo de compreensão do mundo e de si mesmo. Através das histórias contadas, pode-se conhecer a trajetória e a cultura de uma comunidade, pois se evoca o universo de uma gente em determinado tempo e lugar. As histórias ainda semeiam sonhos e esperanças, logo, os contadores são tidos como 'gente das maravilhas'.

José Lins do Rego resgata e ressignifica a grandiosidade e a beleza da contação de histórias em seu livro *Histórias da velha Totônia*. Ele destaca o quanto os momentos de contação de histórias faziam transbordar de emoção o seu coração, quando criança, e o enchem de felicidade ao ponto de ele nunca esquecer nem as histórias contadas nem a contadora delas: a Velha Totônia, trazida por ele para contar, nesta obra singular, quatro lindas histórias.

O ato de contar histórias se reveste de um poder misterioso, sendo capaz de estimular a formação de um ser. Arelado à esfera social, é uma das mais expressivas formas de expor as experiências de uma sociedade. Ao mesmo passo em que, no campo discursivo, a contação de histórias representa um dos instrumentos mais significativos para estimular a imaginação, a criatividade, a oralidade e a interação comunicativa. Por tudo isso e muitos outros aspectos, a contação de histórias deve ser associada ao trabalho com literatura infantil, na escola ou fora dela.

Como, nos últimos tempos, o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) propicia e potencializa significativamente o surgimento de grandes suportes tecnológicos e mídias digitais que podem estar a serviço de antigas práticas sociais como a contação de histórias, pode-se fazer um entrelaçamento entre contação de histórias, literatura infantil e essas tecnologias digitais. E o *Podcast* aparece como um instrumento relevante neste sentido.

Assim sendo, este estudo se justifica pelo fato de que a contação de histórias contribui relevantemente para a formação de leitores. Se realizada devidamente, pode tanto incentivar a leitura literária quanto desenvolver proficientemente o ato de ler, visto que o primeiro contato do leitor com o universo literário dar-se através da contação de histórias. A compreensão dessas histórias que permeiam o universo literário o coloca frente à complexidades do mundo e de si mesmo, enquanto ser humano. Isso corrobora para sua formação pessoal, social e cognitiva, reverberando em sua posição na sociedade.

Por tudo isso, este artigo objetiva promover uma reflexão sobre a importância do entrelaçamento entre contação de histórias, literatura infantil e tecnologias digitais para a formação social dos indivíduos bem como para a formação de leitores literários, elucidando o *podcast* como um instrumento significativo, neste âmbito. Para tanto, a construção desse trabalho se dá através de uma pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter analítico-reflexivo, através da qual busca-se no aporte teórico subsídios que justifiquem as concepções e hipóteses defendidas.

A arte da arte de contar histórias

Os contadores de histórias são uma espécie de guardiões de tesouros. Não daqueles que possam comprar o mundo, mas dos tesouros que ensinam a compreender o mundo e a si mesmo. Eles semeiam sonhos e esperanças, sendo chamados de 'gente das maravilhas' pelos árabes. (CARAM & MATOS, 1996 *apud* SANTOS & ARAPIRACA, 2017)

Contar e ouvir histórias são práticas comuns, inerentes à formação social e linguística da humanidade. Desde os tempos remotos, histórias são contadas, ouvidas, recontadas, reinventadas e novamente contadas, numa atividade que passa de geração em geração. Através da rememoração e da contação de histórias se semeiam sonhos e esperanças para a colheita

de vidas e de universos descortinados e construídos à luz da tradição e da cultura de um povo. Por tudo isso, os contadores de histórias são considerados guardiões de tesouros valiosíssimos, conforme Caram e Matos, pois a contação possibilita ao ouvinte a ressignificação e a compreensão do mundo em que ele está inserido e da vida que ele vive.

Contar histórias evoca o universo de uma gente em determinado tempo e lugar. Tal evocação, na maioria das vezes, contribui para a edificação de um momento, de uma comunidade e de uma realidade vivida. Realizar esta grandiosa tarefa requer que o contador de histórias faça uso de toda uma carga emotiva, enérgica e sensível para dar vida e voz às personagens e aos fatos com elas ocorridos.

Segundo Ecléa Bosi (2004), a função social de um “velho” é a de lembrar, de aconselhar e de ser um elo entre o passado e o porvir de uma sociedade. Ele deve transmitir aos mais jovens os valores, as crenças, as ideologias, as tradições e a cultura do seu povo. Tal função, está imbuída da responsabilidade de lembrar e contar significativamente a história fundante de sua gente e do seu lugar. Isso faz do “velho” um autêntico contador de histórias. Se por um lado, a contação de histórias faz reverberar o surgimento e/ou o resgate da memória afetiva e histórica dessa sociedade, por outro lado, ela também contribui para a formação memorialista e identitária desse povo. Ao mesmo tempo em que o contador de histórias constitui um elo entre o passado e o presente da sua comunidade e da história dela. A sua contação instaura a ligação entre a constituição atual e a formação futura dos seres que o escutam.

Isto posto, toma-se como exemplo José Lins do Rego¹. Na dedicatória do seu livro *Histórias da Velha Totônia*², ele não só corrobora as afirmações acima postas como também enaltece a função de um contador de histórias. Enquanto dedica esta obra a todos os meninos e meninas do Brasil que gostam de aventuras, de sonhos, de fantasia e de usar a imaginação, o escritor lamenta o fim da profissão dos que saíam pelos engenhos contando e encantando as crianças com suas histórias populares da tradição oral. José Lins do Rego ressalta a importância da figura dos contadores de histórias, na pessoa da velha Totônia do seu engenho:

Ainda me lembro hoje da velha Totônia, bem velha e bem magra, andando, de engenho a engenho, contando as suas histórias de Trancoso. Não havia menino que não lhe quisesse um bem muito grande, que não esperasse, com o coração batendo de alegria, a visita da boa velhinha, de voz tão mansa e de vontade tão fraca aos pedidos dos seus ouvintes.

Todas as velhas Totônias do Brasil se acabaram, se foram. E outras não vieram para o seu lugar. Este livro escrevi pensando nelas... Pensando na sua velha Totônia de Sergipe, Sívio Romero recolheu estas mesmas histórias que eu procuro contar aos meninos do Brasil.

Queria que todos eles me ouvissem com a ansiedade e o prazer com que eu escutava a velha Totônia do meu engenho.

Se eu tiver conseguido este milagre, não precisarei de maior alegria para minha vida. (REGO, 2009, p. xi)

Para salientar a importância da contação de histórias, José Lins do Rego enfatiza o quanto esses momentos faziam transbordar de emoção o seu coração e o enchiam de felicidade

¹ Escritor paraibano (1901 – 1957).

² Obra escrita em 1936, destinada ao público infanto-juvenil. Contém quatro histórias: O macaco mágico, A cobra que queria ser uma princesa, O Príncipe Pequeno e O sargento verde. Como as demais obras do autor, constituiu-se a partir de uma componente significativa da construção literária de José Lins do Rego, a lembrança, conforme afirma Moisés (2012). Porém, outra componente bastante relevante e que traz um diferencial para a estrutura narrativa desta obra diz respeito ao fato de o autor mudar o foco narrativo. Ele começa em primeira pessoa, em uma única página, a dedicatória, depois dá voz à contadora de histórias da sua infância para ela narrar os textos por ele apresentados, de acordo com Santos e Silva (2020, no prelo).

ao ponto de ele nunca esquecer nem as histórias contadas nem a contadora delas. Então, já adulto, o autor resolve dividir tal emoção. Conta em uma obra singular algumas das histórias ouvidas e compartilhadas também pelo escritor Sílvio Romero³, em outro estado do Brasil. Porém, José Lins do Rego faz mais ainda: ele abre espaço para que a contadora de histórias tão significativa para sua infância e para a sua formação, a própria Velha Totônia, divida a contação com ele.

Convém ressaltar que em nenhum momento a Velha Totônia aparece na contação cênica dos contos. O autor apenas a menciona na dedicatória da obra. Também não lhe atribui muitas características ao apresentá-la. Porém, as que lhe são conferidas são significativas para que a imagem dessa contadora de histórias seja associada à figura mística do Papai Noel. Ela, como se fosse a Mamãe Noel, é apresentada como a “boa velhinha”, cujos presentes vêm em forma de viagens a universos fantásticos através da contação. Por esta razão, a contadora de histórias ganha uma relevância enorme para esta obra. Encantado, José Lins do Rego enfatiza a importância dela para ele, além de apresentar algumas das histórias contadas por ela, como sinaliza o título da obra. A Velha Totônia representa um elo entre o passado e o presente do escritor, entre o seu mundo real e o da fantasia, entre o que ele foi e o que se tornou: um representante da “gente das maravilhas”, assim como era ela.

Percebe-se que a contação de histórias contribui para a construção de algumas dimensões da formação humana. Coaduna-se, primeiramente, à esfera social por ter-se tornado uma das mais expressivas formas encontradas pela humanidade para expor suas experiências.

Segundo Vansina (2010, p. 140), “[...] a tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. [...] A expressão “palavras criam coisas” dialoga com “Ai palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa!” (MEIRELES, 1994, p. 575), e com “[...] palavra na cabeça de gente faz história”. (ARAPIRACA, 2008, p. 3). É ela, a palavra, que cria e desencadeia a tradição, ao mesmo tempo objeto e veículo do testemunho transmitido de geração a geração. (SANTOS & ARAPIRACA, 2017, p. 7-8)

Nas antigas sociedades, costumes, tradições e valores são repassados como testemunhos transmitidos de geração para geração por meio da palavra materializada na contação de histórias. A transmissão do conhecimento faz-se por meio da oralidade, ganhando força no discurso dos mais velhos, conhecedores da história por eles experienciada naquela sociedade. Tal discurso reveste-se de um poder misterioso e faz história, sendo capaz de estimular a formação social de um jovem.

Da mesma forma, a contação de histórias atrela-se ao campo discursivo, pois constitui-se como um dos instrumentos que instigam a imaginação, a criatividade, a oralidade e a interação comunicativa. E por fim, a contação de histórias insere-se no âmbito educacional. Ela desperta o interesse de quem ouve as histórias contadas para o universo literário, no tocante à leitura e/ou à produção textual, além de contribuir significativamente para o desenvolvimento de leitores proficientes constituídos de criticidade.

Matos (2005, p. 2-3) aponta a palavra [...] como tendo várias significações; para além de um signo, uma mera representação de alguma outra coisa, ela é seu texto – o que implica em seus sentidos – a performance, pois a palavra contadora tem gesto

3 O escritor, professor e historiador da literatura brasileira Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto – SE, (1851 – 1914). Foi um dos mais importantes contribuidores de seu tempo para a historiografia literária brasileira, de acordo com sua biografia constante no site da Academia Brasileira de Letras (<http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>). Entre os contos populares reunidos por Romero na obra *Contos Populares do Brasil* (coletânea de contos e lendas tradicionais do Brasil – 1885), estão algumas das histórias contadas pela velha Totônia na obra de José Lins do Rego, como sinaliza o próprio escritor paraibano. (LETRAS, 2020)

e voz e olhar, corporeidade, enfim, e, completando a tríade, ela é seu próprio portador, o contador de histórias. Esta palavra, *enquanto história* em acontecimento, *transforma-se em texto* pronunciado pela voz do narrador, *jornadeia*. Pode-se mesmo caracterizá-la como uma entidade movente, nômade cujo percurso se dá *sobre* território diverso, de fronteiras pouco imprecisas e, por isto, desafiadoras, da cultura e da tradição. (RIBEIRO & GIROTO, 2013, p. 47)

Por tudo isso, a contação de histórias é uma prática marcante e envolvente em todas as dimensões. No momento da contação, cria-se um ambiente específico, permeado de encantamento e alicerçado na imaginação; paralisado pelo suspense; transformado pela surpresa e fortalecido pela emoção. A vida dada a enredos e personagens transforma, momentânea e até mesmo permanentemente, tanto o contador de histórias quanto o seu ouvinte, uma vez que compreende níveis da formação humana, numa perspectiva capaz de tocar o coração e enriquecer a leitura de mundo na trajetória de cada um.

Nesse ínterim, a contação de histórias torna-se uma estratégia significativa para o universo educacional. Santos e Arapiraca (2017) utilizam-se das palavras do poeta alemão Schiller⁴ para sinalizar quanto os contos de fada ouvidos na infância podem conter mais ensinamentos do que situações que uma criança tenha vivido ao longo da sua história. A aprendizagem desenvolvida por eles possibilita encontrar sentido para a própria vida. Por ser *a vida desconcertante para a criança, ela precisa entender o mundo complexo com o qual tem que lidar*. Nesse contexto, *a compreensão e o conhecimento de si próprio e de suas circunstâncias é vital para o desenvolvimento da autonomia, pois o desejo de conhecer e compreender as coisas conduz o espírito humano a pensar metodicamente e a refletir sobre problemas concretos. Compreender é, pois, essencial* (ARAPIRACA, 1996, *apud* SANTOS & ARAPIRACA, 2017, p. 10). Para tanto, faz-se necessário unir todas as nuances que envolvem a contação de histórias em consonância com o mundo mágico, encantado e encantador da literatura infantil.

Contação de histórias e literatura infantil: uma ponte para o mundo da leitura e da literatura

No âmbito escolar, o primeiro contato das crianças com a literatura ocorre na educação infantil, por meio da leitura dramatizada e/ou da contação de histórias. Como contar histórias, ontologicamente, está ligado à exploração de formas populares através da oralidade, essa atividade pode não ser vista necessariamente como relevante para a inserção da criança no universo literário. Porém, Dalvi (2013) sinaliza que esse trabalho é imprescindível e fundamental para que a criança tenha os primeiros contatos com a literatura.

Embora tal afirmação de Dalvi não esteja vinculada precisamente ao termo 'contação de histórias', mas apenas a 'trabalho com literatura e oralidade na educação infantil', toma-se aqui a liberdade de coaduná-lo à atividade de 'contação de histórias', bem como, 'literatura' ao seu ramo 'literatura infantil'. Assim, entende-se que o trabalho com oralidade, ou seja, a contação de histórias consiste, portanto, no primeiro passo em direção ao mundo da leitura e da literatura.

Na sua abordagem sobre o trabalho com oralidade na educação infantil, Dalvi (2013) ainda enfatiza que:

É importante, [...] nesse momento, que sejam lançadas as primeiras centelhas de constituição de um senso de pertencimento a uma comunidade de leitores: que as crianças partilhem o prazer de tomar contato com bons textos e bons livros e sintam que esse prazer contribui para que se reconheçam e sejam reconhecidas como pertencentes àquela comunidade; que os livros

circulem e sejam compartilhados entre todos no grupo, fomentando experiências comuns, embora singulares; que as crianças aprendam a experiência física da leitura de modo compartilhado, com todos se ajudando e descobrindo as posições favorecedoras das práticas leitoras; que as crianças possam conversar sobre o que foi lido, possam expor suas opiniões e crenças, que possam checar, reformular e ampliar suas hipóteses de leitura com outros leitores [...] (DALVI, 2013, p. 127).

Neste contexto, literatura infantil e contação de histórias estão intrinsecamente relacionadas e são extremamente importantes para a formação da criança que ainda não domina o código escrito, bem como para a iniciação da mesma no mundo da leitura e da literatura. Todo o percurso se inicia por meio da contação de histórias, que representa a leitura das palavras através da escuta. Ouvir palavras, compreendê-las, visualizar espaços e personagens a partir dessas palavras, construindo sentidos para as mesmas, nada mais é do que um processo de leitura. Da leitura da palavra ouvida, parte-se para a leitura da palavra escrita que constitui o encantador mundo da Literatura Infantil e proporciona o ingresso da criança no mundo da arte literária.

Isso porque, como diz Coelho (2000),

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. (COELHO, 2000b, p. 27 *apud* WOCZINSKI & UJIE, 2014, p. 102).

A leitura da palavra ouvida ou decodificada permite a interação entre o lido e/ou ouvido e a imagem representativa dessa leitura na construção de sentidos para a vida e para o mundo. Tais representações da história contada ou lida possibilitam uma reflexão sobre o social narrado, tanto numa dimensão espacial quanto temporal. Isso contribui para delinear o perfil do leitor/ouvinte no imaginário e na compreensão do mundo em que este se encontra inserido. *Ao ler/ouvir uma história, então, o leitor se apropria das imagens propostas na tessitura narrativa, concretizando-as pela particularidade de seu imaginário*, conforme afirma Pina (2009, p. 29).

Corroborando tais proposições, Santos e Arapiraca (2017) utilizando-se das palavras de Busatto (2006) enfatizam o quanto a contação de história serve como ponte entre as diferentes dimensões humanas. Sua vivência possibilita aos leitores/ouvintes tornarem-se mais humanos, íntegros, solidários, tolerantes, dotados de compaixão e capazes de compreenderem seu meio e seus pares. E quando a contação se faz em consonância com a Literatura Infantil, torna-se uma prática que *ultrapassa a fronteira individual, agregando símbolos, viveres e pensares seus e de muitos outros...* (p. 14). Dessa forma, a junção da contação de histórias com a literatura infantil envolve *sabedoria e cultura, geração após geração, propiciando que as histórias se lancem para além do tempo, num eterno retorno, o contar outra vez* (p. 14).

Tendo em vista a importância da contação de histórias a serviço da literatura infantil, seria lastimável se, com o advento da modernidade, tanto a contação de histórias quanto o trabalho com a literatura infantil fossem deixados de lado, em virtude das novas tecnologias. Mas, como tudo se transforma nesse universo circular, a prática da contação de histórias e o encontro da criança com a literatura a partir do viés infantil ganha novos espaços. Velhos conceitos e grandes sentidos reverberam na modernidade tecnológica. É nesse contexto que se vislumbra uma nova ferramenta: o *Podcast*. Tradição e modernidade. Instrumento educativo que se junta a outras ferramentas em prol de antigas práticas relevantes para a formação humana.

Podcast – surgimento, conceito e funcionalidade

A linguagem enquanto processo interativo se realiza por meio do texto na perspectiva dos gêneros. Evidenciando esse aspecto sociodiscursivo da língua em atuação, Marcuschi (2005, p. 1) considera os gêneros como *formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa [...], eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos [...] emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.*

Por viabilizarem a comunicação entre os seres sociais de uma comunidade e também entre comunidades, os gêneros atrelam-se ao desenvolvimento evolutivo da(s) sociedade(s) e às necessidades sociocomunicativas da(s) mesma(s). Sobre essa perspectiva histórica do surgimento dos gêneros, Marcuschi (2005) sinaliza que estes passaram por uma cultura essencialmente oral, multiplicaram-se em gêneros típicos da escrita, expandiram-se com a cultura da imprensa, ampliaram-se com a cultura eletrônica e explodiram em gêneros e novas formas de comunicação, tanto orais quanto escritas, com o advento da internet. Isso prova que *os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais* (p. 1).

O avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), nos últimos tempos, propiciam e potencializam significativamente o surgimento de grandes suportes tecnológicos e mídias digitais da comunicação. Estes, por sua vez, por terem relevante domínio e centralidade nas atividades dos seres sociais, acabam por contribuir para que novas formas discursivas bastante características destes avanços tecnológicos apareçam, ganhem visibilidade e conquistem o meio social e seus habitantes. Entre estas novas aparições está o *podcast*.

Sobre este fenômeno, Lenharo e Cristóvão enfatizam que:

A origem da palavra não possui uma base definida, segundo Medeiros (2006), porém, a versão mais divulgada e aceita pelos autores (SOUZA; MARTINS, 2007; MOURA; CARVALHO, 2006) é a que considera *podcast* como derivado da junção de dois termos: *broadcasting* (radiodifusão) e *iPod*, dispositivo de áudio da marca *Apple* que executa arquivos de áudio no formato MP3. Em linhas gerais, o *podcast* é um arquivo de áudio disponibilizado na internet para *download* gratuito por qualquer usuário da rede. Suas funções¹ são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações até o seu uso para fins educacionais. De acordo com Medeiros (2006), o primeiro *podcast* foi produzido em 2004 por Adam Curry, na época conhecido apenas como apresentador do canal de televisão MTV, mas que, posteriormente, foi alcunhado como *podfather* (pai do *podcast*). [...] (LENHARO & CRISTÓVÃO, 2016, p. 311)

Marcuschi (2005) enfatiza o fato de que novos gêneros não constituem inovações absolutas, mas, são revisitações de outras formas discursivas já existentes. Por sua vez, Bakhtin (2011) sinaliza que o surgimento de um novo gênero condiciona-se à ‘transmutação’ dos mesmos e a assimilação de uma forma discursiva por outra gerando “novas” formas. Tais concepções reverberam no surgimento apresentado por Lenharo e Cristóvão (2016) para o *podcast*. Não, no tocante especificamente a entendê-lo enquanto forma discursiva, mas pelas funções comunicativas, cognitivas e institucionais que propiciam sua origem.

Embora haja muitas discussões sobre a categorização do *podcast* entre gênero, suporte ou mídia, Lenharo e Cristóvão (2016) compreendem-no nesta última classificação. Nesse sentido, elas concebem a mídia como um processo tecnológico de mediação da interação comunicativa. O *podcast* media uma interação comunicativa que se faz através de uma unidade de linguagem – o gênero –, por meio de um suporte, materializado em um arquivo. Enquanto mídia digital, o *podcast* veicula e dissemina gêneros das mais variadas esferas discursivas e campos de atuação em formato MP3.

Os *podcasters* Lúcio Luiz e Pablo de Assis afirmam que:

Embora haja certa semelhança entre o podcast e o que poderia ser chamado de “rádio pela internet”, já que se trata essencialmente de informações passadas via arquivos de áudio, não é esse o caso. Meditsch (1999 apud Bufarah, 2003) classifica modelos de difusão de áudio como o do podcasting como sendo um tipo de serviço, na verdade, fonográfico, “não se caracterizando como radiofônico por não ser emitido em tempo real”.

Podemos, portanto, definir o podcasting como uma forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. E entendemos que o podcast é tanto o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via podcasting quanto o coletivo desses arquivos. (LUIZ & ASSIS, 2010, p. 2)

Tais observações caracterizam o *podcast* como uma super ferramenta digital disponível para todos através da internet. Diferentemente dos programas de rádio tradicionais e até de audioblogs e coisas desse gênero, o *podcast* nasce com a finalidade de distribuir de forma direta e atemporal programas de áudio caracterizados principalmente por sua função *podcasting* (transmissão pública de arquivos destinados ao entretenimento, à divulgação de informações e/ou a fins educacionais, feita através do que se pode chamar de radiodifusão em massa). Porém, o *podcast* destaca-se por ser um programa de áudio em que, diferentemente do rádio, o ouvinte não fica preso a horários e pode ouvir quando e o que quiser, escolhendo programas de notícias, de reportagens, de documentários, de críticas de cinema, de debates sobre qualquer assunto, de músicas ou, até mesmo, de contação de histórias.

Podcast, contação de histórias e literatura infantil

Um dos maiores desafios para os que se dedicam aos estudos da literatura e buscam potencializar o desenvolvimento e a verdadeira formação de leitores literários encontra-se justamente nas formas de viabilização e disseminação dessas leituras literárias nas mais diversas esferas sociais. Há muito tempo, vem-se discutindo sobre o lugar da literatura e sobre os problemas com a formação de leitores literários. Muito se tem feito, porém ainda é perceptível o desprestígio da literatura e da leitura literária nesse contexto tão adverso em que as mesmas competem com os mais variados produtos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Por atribuir-se ao texto literário a capacidade de propiciar o contato do leitor com realidades múltiplas e à leitura literária a competência de conectá-lo *com outros saberes e discursos por meio da perspectiva pluralística, interdisciplinar e holística*, como afirmam Camargo, Vieira e Fonseca (2013, p. 10), torna-se de fundamental importância a valorização da prática da leitura literária e de todos os saberes que ela proporciona. Tais proposições sinalizam que as crianças, desde a mais tenra idade, devem ter contato com a literatura. E as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação devem ser um aliado, contribuindo para esse encontro da criança com a Literatura Infantil, uma vez que esta oferece àquela subsídios para a leitura literária “adulta”. Isto porque, salienta-se que

Nos livros infantis, mais do que na maioria dos textos sociais, se reflete a maneira como uma sociedade deseja ser vista, e pode-se observar que modelos culturais dirigem os adultos às novas gerações e que itinerário de aprendizagem literária se pressupõe realizem os leitores, desde que nascem até sua adolescência. (COLOMER, 2003. p.14 apud Pina, 2011, p. 27).

Confere-se, portanto, à literatura infantil um papel significativo na formação da criança

em seus aspectos humanísticos e cognitivos, uma vez que propiciar o encontro entre a criança e o texto literário vai além de estimular sua imaginação e conferir-lhe momentos de deleite. A literatura infantil contribui para a formação integral de uma criança. *A maturidade de imaginação do adulto dependerá do seu desenvolvimento desde a infância e a literatura infantil tem lugar destacado nesse processo*, de acordo com Arena (2010, p. 32 *apud* Pina, 2011, p, 27). E considerando que a contação de histórias também instiga a constituição social, comunicativa, emocional, cognitiva e educacional, conforme anteriormente abordado, o trabalho conjunto entre contação de histórias e Literatura infantil viabiliza ao ouvinte conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o mundo; bem como contribui para seu crescimento pessoal e social.

Isto posto, salienta-se que, com o avanço das tecnologias em prol da comunicação e com o surgimento de novos gêneros discursivos, suportes e mídias digitais, faz-se necessário utilizar todo esse arcabouço midiático a serviço desse encontro entre a criança e a literatura infantil. Para tanto, os propagadores desse viés literário podem e devem fazer uso de ferramentas digitais que disseminem a cultura literária entre as crianças e contribuam para o seu processo de formação social.

Por conseguinte, o *podcast* configura-se como um aliado a todo esse processo. Por meio dessa mídia digital, a literatura infantil ganha novo espaço e a contação de histórias pode ser revisitada e torna-se possível. Uma prática que remota ao início da humanidade incorporada por uma nova roupagem, corroborando as concepções marcuschianas e bakhtinianas: eventos textuais e práticas sociais que não se constituem inovações absolutas, mas revisitações de antigas práticas, ou seja, a transmutação e a assimilação de uma forma textual por outra já existente gerando uma “nova” forma discursiva em uma perspectiva verdadeira nova de atuação.

Considerações Finais

A trajetória da humanidade é marcada desde seus primórdios por práticas sociais como contar e ouvir histórias. Ao longo do tempo, histórias foram e são contadas, recontadas, reinventadas, ressignificadas e novamente contadas no sentido de promover o contato das novas gerações com a história da sua comunidade. Isso propicia a compreensão dos valores e da cultura daquela gente. Além dessa, outras perspectivas formativas reverberam do universo da contação de histórias. Nesse ato de interação social, imbui-se a semeadura de sonhos e esperanças para a colheita de vidas e de universos compreendidos à luz da cultura de um povo.

Evocar o passado e seus costumes possibilita a vivência do presente. Assim, a função social de um contador de histórias coaduna-se à de um “velho” em sua comunidade. Ambos transmitem às novas gerações, através das histórias contadas, o resgate de uma memória afetiva, bem como viabilizam o contato com as tradições de uma gente, com a complexidade do humano, com a história fundante que identifica e/ou fortalece o sentimento de pertença a essa gente.

Várias dimensões da formação humana estão contempladas no processo de contar e ouvir histórias, principalmente porque tais histórias pertencem ao campo literário. Ao se contar essas histórias, exploram-se, por exemplo: i. a dimensão discursiva, no estímulo à imaginação, à criatividade, à oralidade e à interação entre os seres sociais; ii. a dimensão educacional, pois as histórias, por serem verdadeiros catálogos de destinos humanos, ensinam mais que muitas situações vividas por uma pessoa; e iii. a dimensão social, pois as histórias constituem-se uma das maiores formas de expressão de experiências e de apresentação do outro e de outras vozes.

Através da contação de histórias, uma criança entra em contato com o universo literário. E essa literatura infantil também trata das grandes questões humanas: amor, morte, abandono, medo, finitude, sonhos, fantasias, possibilidades, outros mundos, outras vidas. Isso ajuda na formação do ser desde cedo. Encontra-se nesse ponto o caráter formador da literatura. Pois, como afirma Candido (1988), a literatura nos forma não por ser edificante, mas porque nos apresenta e promove a reflexão sobre a complexidade do humano. Ela trata de modo profundo das emoções, delinea uma diversidade que se configura de modo a nos fazer pensar sobre como, por que e para que estamos de tal forma na vida.

E para culminar o casamento entre contação de histórias e literatura infantil, vêm as

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Elas potencializam o surgimento de suportes tecnológicos e mídias digitais que auxiliam na difusão e na realização de práticas sociais relevantes de leitura e de contação de histórias que explorem a literatura infantil de maneira a propiciar a formação da criança em seus aspectos humanísticos e cognitivos. Entre estas novas aparições tecnológicas está o *podcast*, uma significativa ferramenta digital de audiotransmissão disponível para todos através da internet.

O triângulo constituído por contação de histórias, literatura infantil e *podcast* torna-se super relevante para ressignificar uma antiga prática de interação social da humanidade que contribui para a formação do indivíduo, seja no âmbito coletivo e/ou no individual. Isso influencia sua atuação enquanto ser humano e enquanto cidadão. O *podcast* aparece, então, como uma revitalização atual para a contação de histórias e para a difusão da literatura infantil. Deve e pode ser utilizado no ambiente escolar e no ambiente familiar.

Enquanto interação social, contar histórias sempre desempenhou um papel imprescindível na vida da humanidade. Da mesma forma que, a literatura infantil possibilita o descortinar de universos significativos, o contato com vivências e culturas que contribuem para a compreensão de si, dos outros e do mundo. Unir literatura infantil à prática da contação configura uma proposta dinâmica para a formação de um ser. Usar, então, ferramentas tecnológicas para esse fim denota uma das maneiras mais significativas para dirimir o desprestígio que a literatura e a leitura literária vêm recebendo, nos últimos tempos, na escola e na família. O *Podcast* representa uma modernidade que revisita a tradição milenar de contar histórias em prol da disseminação da literatura infantil e da formação de leitores literários.

Referências

ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R. J. [et al.]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 13-44. In: PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Narizinho e Emília: representações de cenas de leitura e construção do perfil da leitora novecentista na obra infantil de Monteiro Lobato*. In: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. *A Literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras*. Dialogats Publicações, 2011. Disponível em http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/a_literatura_infantil_e_juvenil_hoje.pdf. Acesso em: Maio/2020.

BAKHTIN, Michael Mikhailvitch. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Quelroz, Editor, LTOA. Universidade de São Paulo, 1979. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod_resource/content/1/BOSI%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: Fev. Março/2020.

CAMARGO, Flávio Pereira; VIEIRA, Miliane Cardoso; FONSECA, Vilma Nunes da Silva. **Tecendo saberes e discursos sobre literatura e ensino**. 2013. In: CAMARGO, Flávio Pereira; VIEIRA, Miliane Cardoso; FONSECA, Vilma Nunes da Silva. **Olhares críticos sobre Literatura e ensino**. Fonte Inspirata. 2013.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura** In: CANDIDO, Antonio, **Vários escritos**. Ouro sobre azul, Rio de Janeiro, 1988.

CARAM, C. A.; MATOS, G. **Caderno de textos. Projeto convivendo com a arte**. Belo Horizonte: Frente e verso, [199-]. In: SANTOS, Luciene Souza; ARAPIRACA, Mary de Andrade. **Testamento das gentes das maravilhas**. Revista Entreldeias. Vol. 6, n. 2 (jan./jun. 2017). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2017. Disponível em file:///C:/Users/Cliente/Desktop/21675-84608-1-PB.pdf. Acesso Fev/2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000. *In*: WOCZINSKI, Bruna; UJIE, Nájela Tavares. **Literatura infantil e contação de histórias na educação da primeira infância: concepções de professores**. 2014. *In*: DEBUS, Eliane Santana Dias; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTI, Nelita; CINTRA, Simone. Anais do 6º **Seminário de Literatura Infantil e Juvenil**. Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014. Disponível em https://pnaic.ufsc.br/files/2015/07/6_slij_2014_anais_2015_02_18.pdf. Acesso em: Março/2020.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2003. *In*: PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Narizinho e Emília: representações de cenas de leitura e construção do perfil da leitora novecentista na obra infantil de Monteiro Lobato**. *In*: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. **A Literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras**. Dialogats Publicações, 2011. Disponível em http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/a_literatura_infantil_e_juvenil_hoje.pdf. Acesso em: Maio/2020.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. Cadernos de Pesquisa em Educação – PPG/UFES, Vitória, ES. a. 10, v. 19, n. 38, p. 11-34, jul./dez. 2013.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Podcast, participação social e desenvolvimento**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.32, n.01, p. 307-335, Janeiro-Março, 2016. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982016000100307&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Maio/Junho 2020.

LETRAS, **Academia Brasileira de. Biografia Sílvio Romero**. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>. Acesso em: Abril 2020.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: Maio / Junho 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

MATOS, Josicleide da Silva; CONSTANTINO, Tamiris dos Santos; MÉLO, Celâny Teixeira de; SILVA, Nelsânia Batista da. **A cultura da contação de histórias: um passo para a formação do leitor**. 2005. *In*: II CINTEDI – II Congresso Internacional de Educação Inclusiva – 2016.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Narizinho e Emília: representações de cenas de leitura e construção do perfil da leitora novecentista na obra infantil de Monteiro Lobato**. *In*: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. **A Literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras**. Dialogats Publicações, 2011. Disponível em http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/a_literatura_infantil_e_juvenil_hoje.pdf. Acesso em: Maio/2020.

REGO, José Lins do. **Histórias da velha Totônia**, Livro digital, 18ª Edição, Ed José Olympio, 2009. Disponível em https://datenpdf.com/download/historias-da-velha-totonia_pdf. Acesso em: Abril/2020.

RIBEIRO, Aline Escobar Magalhães; GIROTTO, Cyntia Graziella Simões Guizelim. **Literatura infantil e desenvolvimento da imaginação na infância: a ótica da teoria histórico-cultural**. 2014 *In*: DEBUS, Eliane Santana Dias; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTI, Nelita; CINTRA, Simone. Anais do 6º **Seminário de Literatura Infantil e Juvenil**. Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014.

Disponível em https://pnaic.ufsc.br/files/2015/07/6_slij_2014_anais_2015_02_18.pdf. Acesso em: Mar/2020.

SANTOS, Luciene Souza; ARAPIRACA, Mary de Andrade. **Testamento das gentes das maravilhas**. Revista Entreldeias. Vol. 6, n. 2 (jan./jun. 2017). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2017. Disponível em file:///C:/Users/Cliente/Desktop/21675-84608-1-PB.pdf. Acesso em: Março/2020.

WOCZINSKI, Bruna; UJIE, Nájela Tavares. **Literatura infantil e contação de histórias na educação da primeira infância: concepções de professores**. 2014. In: DEBUS, Eliane Santana Dias; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTI, Nelita; CINTRA, Simone. Anais do 6º **Seminário de Literatura Infantil e Juvenil**. Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014. Disponível em https://pnaic.ufsc.br/files/2015/07/6_slij_2014_anais_2015_02_18.pdf. Acesso Março/2020.

Recebido em 30 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.